

“EU ERA A MÃE”: NARRATIVAS DE GÊNERO E HORIZONTALIDADE

Débora Muramoto é formada em Licenciatura Plena em Letras com habilitação em Literaturas pela Universidade Federal Fluminense, pós-graduada em Língua Inglesa pela PUC-Rio, e atualmente é mestranda em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. E-mail: muramoto.debora@gmail.com

Resumo

Partindo do terreno das ocupações estaduais de 2016 em Niterói-RJ, este artigo objetiva analisar, sob a lente da Sociolinguística Interacional, da Análise da Narrativa e dos estudos discursivos sobre gênero e poder, como narrativas de *estudantes-ocupantes* constroem suas identidades e tensionam o princípio da horizontalidade desses movimentos. Os dados apontam para a construção do empoderamento feminino no lugar da mãe, de um lado, e para a narrativa heroica de protagonismo masculino, de outro.

Palavras-chave

Estudante. Gênero. Poder. Ocupação. Juventude.

1) Apresentação

As ocupações de escolas públicas estaduais brasileiras protagonizaram polêmicas e dividiram opiniões. Esses movimentos, ocorridos entre 2016 e 2017, nasceram a partir de diferentes perspectivas e contextos, mas se entrelaçam nas semelhanças de sua proposta e historicidade, sinalizando para a plasticidade do ato de ocupar. Eles apontam para o potencial transformador e agetivo da ação coletiva que transforma e ressignifica as instituições de ensino, apresentando a proposta de ser e estar equanimemente.

Nesse contexto, do qual fiz parte como professora voluntária por um mês, analiso aqui, sob a lente micro da Sociolinguística Interacional, uma entrevista de pesquisa que fiz com adolescentes ocupantes de sua escola estadual em 2016, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. No decorrer da pesquisa, pude perceber que o princípio da horizontalidade, característica marcante dos movimentos sociais contemporâneos, ia de encontro com assimetrias de poder entre homens e mulheres evidenciadas nas interações.¹ Dessa maneira, surge uma problemática: *como os ocupantes constroem narrativas que sustentam significados generificados sobre si e a horizontalidade?*

¹ A proposta de relações horizontais é a de eliminação de lideranças e hierarquias, aproximando-se da noção de democracia direta. Esta foi uma característica valorizada pelos ocupantes ao longo de todo o movimento, e que embasa a capacidade de autogestão de uma ocupação. Em seu trabalho sobre a construção discursiva da horizontalidade no espaço público e em movimentos sociais urbanos, a

Na busca desses entendimentos, este estudo desenvolveu-se observando, na dinâmica da troca de turnos, a forma como os indivíduos defendem e ocupam seus espaços na interação, criando significados na construção conjunta de narrativas breves (GEORGAKOPOULOU, 2006; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008) que constituem suas identidades. Esta empreitada está intimamente ligada às experiências compartilhadas entre os participantes bem como ao contexto em que me contam suas histórias durante o período da ocupação. Isto posto, o presente artigo visa analisar as narrativas breves construídas na situação de entrevista de pesquisa por meio de uma metodologia qualitativa interpretativista (DENZIN; LINCOLN, 2006).

A análise dos dados viabilizou a produção de inteligibilidades que apontam para a forma como os ocupantes constroem suas identidades, defendem agendas pessoais marcadas pelos aspectos da binariedade de gênero e, ao mesmo tempo, engajam-se na tarefa de sustentar o princípio da horizontalidade.

2) Contexto, motivações e relevância

Na época das ocupações cariocas, eu trabalhava como professora em instituições particulares, e pude observar como o movimento de ocupação começou a respingar nas escolas niteroienses. A atmosfera era de forte descontentamento, uma vez que o país havia acabado de testemunhar em 2015 a massiva ocupação no estado de São Paulo, conduzida pelos estudantes das escolas estaduais contrários à proposta de reorganização escolar do governo Alckmin. Inspirados pelas conquistas dos paulistanos, os alunos cariocas, em tempos de greve de seus professores, atrasos de salários e repasse de verbas públicas do governo Pezão, tomaram a decisão de ocupar suas escolas em 2016. O movimento se espalhou com rapidez pela cidade, alcançando Niterói. A escola escolhida aqui, quando ocupada, criou uma página no *Facebook*, à semelhança de várias ocupações predecessoras, para postar fotos de denúncias, rotinas da ocupação, pedidos de doação. Sua organização, assim como os paulistanos, calcava-se na divisão de tarefas em comissões, cujos membros deveriam alternar-se diariamente, além de todas as decisões terem que passar por uma assembleia que ocorria todo final do dia. Atividades educativas e recreativas abertas à comunidade tinham que ser organizadas e, para isso,

pesquisadora Naomi Orton (2018), calcada em uma visão construcionista de gênero, investiga também práticas naturalizadas como masculinas e femininas dentro deste contexto. No contexto da ocupação, o que observei foi a forte influência do conceito no imaginário coletivo dos estudantes, ora indo de encontro com práticas e atitudes assimétricas, ora servindo de argumento de autoridade.

as redes sociais tiveram um papel primordial. Em uma das postagens em que convocavam professores para ministrar aulas de assuntos diversos em aulas públicas, eu me ofereci para uma delas. Desta forma, tornei-me colaboradora do movimento por um mês.

Conhecer o funcionamento de uma ocupação despertou em mim o desejo de eleger o tema como objeto de estudo. Apesar de o fenômeno social da ocupação de escola ser relativamente recente, já há um número significativo de estudos sobre o assunto, majoritariamente nas áreas de Sociologia e Educação. Dentre esses trabalhos, destaco a relevância do livro “Escolas de Luta” (2016), escrito a seis mãos por autores da USP e Unicamp². A obra consiste em um relato detalhado das ocupações paulistanas, e dedica um capítulo exclusivamente à horizontalidade. Corsino e Zan (2017), que compõem o dossiê *(Des)ocupar é resistir?* da Unicamp também trazem importantes pontuações sobre a criminalização de jovens ocupantes de periferia, bem como levantam a possibilidade de se pensar a ocupação como um processo de descolonização do currículo escolar. Paes e Pipano (2017), no mesmo dossiê, discutem o processo de ocupação como um movimento de ressignificação do espaço sensível da escola, que constrói autonomias, enquanto Ratto, Grespan e Hadler (2017) tratam do movimento no contexto da cibercultura, como um evento que, ao viabilizar um “reencantamento do mundo” na pós-modernidade, que potencializa o estar junto, o cuidado de si e a sociabilidade, indo na contramão da imobilidade e verticalidade da instituição escolar. Ocupar, como uma fissura democrática no capitalismo, propicia momentos conjuntos de produção de conhecimento de si, tanto na escrita em redes sociais quanto nos eventos organizados nas ocupações, para tratar de assuntos de interesse coletivo como gênero, sexualidade e movimento estudantil.

Esses trabalhos, embora olhem para questões relativas a novas sociabilidades, e acabem tocando a questão da horizontalidade do movimento, percorrem caminhos analíticos distintos, procurando entender as ocupações a partir de referenciais teóricos macrosociais. Ademais, não há, entre eles, escritos da área do Discurso, nem tampouco reflexões que focalizem como as questões de gênero permeiam as relações entre os ocupantes e, conseqüentemente, desafiam a noção de horizontalidade. Nesse sentido, tendo em vista o potencial interdisciplinar da Sociolinguística Interacional, além do seu caráter micro, compreendo a relevância desta pesquisa como uma contribuição

² Jonas Medeiros (USP), Antonia Malta Campos (Unicamp), Márcio Moretto Ribeiro (Unicamp).

discursiva de caráter interdisciplinar que interconecta dimensões micro e macro, preenchendo assim uma lacuna no leque de estudos dedicados a entender as ocupações de escola.

3) Aspectos metodológicos

A análise que será desenvolvida aqui consiste num olhar microssocial para falas em interação que emergem de entrevistas com participantes de um caso de ocupação na cidade de Niterói, focalizando a articulação entre gênero e horizontalidade. Dentro dessa perspectiva êmica, alinho-me aos estudos qualitativos e interpretativistas de pesquisa social para desenvolver este estudo, e tomo como base a asserção de que a pesquisa gera representações do mundo (DENZIN; LINCOLN, 2006) a partir de observações locais, procurando entender as relações entre o que os indivíduos fazem e a organização social.

Como este estudo envolve a minha participação no movimento, ainda que temporária, ressalto que os entendimentos aqui produzidos serão permeados pela minha subjetividade, bem como pelo meu alinhamento político a respeito do contexto referido na conversa e da minha visão pessoal sobre os seus lugares e suas realizações na vida social. Assim, o conhecimento produzido aqui perpassa um envolvimento inevitável com o objeto de estudo acerca do grupo analisado, o que resulta em um conhecimento cuja objetividade, neste sentido, é relativa.

3.1) A entrevista de pesquisa

A geração de dados para este estudo se deu através da entrevista de pesquisa qualitativa, assumindo a mesma como um evento interacional de fala e rejeitando a visão tradicional de entrevista que a toma como um momento em que o entrevistador consegue, objetivamente, captar “a verdade” do entrevistado através de perguntas e respostas.

A respeito dessa questão, Anna De Fina (2009) salienta que a fala que emerge da entrevista está longe de ser homogênea como a pergunta que é escrita no papel. Para a autora, trata-se de um discurso coconstruído na interação, sendo, portanto, um evento de fala situado, dotado de todas as características interacionais próprios desse tipo de evento. Assim, perguntas e respostas são formuladas e moldadas conjuntamente (MISHLER, 1986), bem como os sentidos que delas emergem. A fim de se compreender uma narrativa que é construída em diálogo, é fundamental que se olhe para

a “narrativa na entrevista”, e não somente para a “narrativa da entrevista”, enxergando o contexto de enunciação como relevante.

3.2) Dados etnográficos: os participantes da entrevista

Durante os anos de 2016 e 2017, conversei com 11 alunos da ocupação, em entrevistas organizadas individualmente, em duplas ou trios. Expliquei a eles os objetivos das entrevistas, e tenho registradas em gravação todas as suas declarações concordando em serem gravados, cientes de que suas identidades seriam preservadas. Neste artigo abordo uma dessas entrevistas, a terceira, ocorrida na escola da ocupação no dia 22 de maio de 2017, e que teve o estabelecimento do movimento como tópico geral. A eleição desta entrevista é um recorte temático da minha dissertação de mestrado. Os excertos selecionados estão orientados a responder ao questionamento: *como os ocupantes constroem narrativas que sustentam significados generificados sobre si e a horizontalidade?*

Participaram da conversa o casal Luís e Luísa³. Luís, 18 anos, caucasiano, trabalha na cozinha de um restaurante, e pretende um dia ser chefe de cozinha. Um rapaz articulado, não era militante antes de participar da ocupação, mas conta que aderiu ao movimento no dia de seu estabelecimento. Mora com a mãe e o padrasto, que se opôs à sua participação, mas não o impediu de frequentá-la. Luís se tornou um dos ocupantes mais presentes, sendo constantemente requisitado para debater com antagonistas em momentos de conflito.

Já Luísa, sua namorada, 20 anos, alega que a ocupação a ajudou a crescer, pois ela “era muito criança”. Ela afirma que a atividade que mais gostava na ocupação era a de ser “mãe” de seus companheiros, pois cuidava de cada um deles. Luísa mora com o pai e a irmã. Sua mãe fugiu quando ela ainda era criança e, na sua adolescência, retornou à casa tentando uma reaproximação que lhe foi negada. Hoje, com a escola concluída, Luísa precisa trabalhar para ajudar o pai no sustento da casa e, diferente do namorado, executa uma atividade que não tem pretensões de seguir como carreira: é atendente de uma padaria num bairro de classe média alta em Niterói.

Após o início da conversa, um terceiro rapaz, que já havia sido entrevistado, uniu-se ao grupo. Nas transcrições, irei chamá-lo de José. Militante e com 20 anos na época, José foi apontado por praticamente todos os entrevistados como o líder e grande

³ Todos os nomes dos participantes foram substituídos por nomes fictícios.

orquestrador da ocupação.

4) Quadro Teórico

Esta sessão será dedicada a levantar o instrumental teórico que embasa a análise dos dados.

4.1) A Sociolinguística Interacional

Nas situações interacionais a que estamos constantemente submetidos na vida, uma série de variáveis são mobilizadas na construção de sentidos entre participantes. Tais elementos envolvem não só os sujeitos, como também suas agendas pessoais – seus interesses e propósitos naquele encontro, especificamente – e o cenário onde se encontram. Assim, dada a complexidade de um momento de encontro, valho-me de algumas categorias da Sociolinguística Interacional que serão de grande valia no empreendimento de entender as interações apresentadas nos dados.

A situação social, categoria trabalhada por Goffman, é definida no momento do encontro, quando os indivíduos ratificam a presença uns dos outros e se preocupam em obter informações a respeito de seus pares. Dessa maneira, compreendem aquilo que está diante de seus olhos, averiguando se tais informações alcançam suas expectativas sociais, e a partir daí determinam como irão agir (GOFFMAN, [1959] 2002. John Gumperz ([1982] 2013), por sua vez, quando fala sobre situações sociais, reflete sobre processos inferenciais a partir de pistas sociolinguísticas de contextualização. Para ele, esse processo é sugestivo, pois os participantes do encontro se baseiam em conhecimentos compartilhados e fazem uso de pressuposições para interpretar mensagens. Os significados estão implícitos e os falantes devem estar atentos à dinâmica da interação para acompanhá-la sem produzir mal-entendidos.

Durante o trabalho interacional, o indivíduo se preocupará em construir uma face, o valor social positivo, enquanto se esforça para atuar numa dada linha de atuação. A face é delineada em termos de atributos sociais aprovados, e o indivíduo investe nela determinadas emoções e sentimentos coerentes que serão distribuídas entre os participantes, e os atributos sociais aprovados funcionarão como restrições sociais reguladoras (GOFFMAN, 1955). O trabalho de face leva em consideração a tessitura da ocasião e os aspectos do código social. O seu estudo observa o intercâmbio desses dois aspectos entre os participantes, a fim de manter a consistência da linha dos sujeitos. O sujeito sustenta a sua face e a de outros, pois sente que os outros participantes têm um

direito moral à sua colaboração. Ele evita perder a face ou trabalhar a face errada, a fim de manter o seu *status* na interação e não ser desacreditado. A manutenção da face é uma condição para a interação, não o seu objetivo (GOFFMAN, 1955), e nos dados, é perceptível um grande esforço, meu e dos entrevistados, na manutenção de faces completamente heterogêneas entre si, e muitas vezes conflitantes. A mudança ou permanência é manifesta em variações de tom ou segmentos prosódicos e, no caso dos falantes, alternância de códigos, afetando o *continuum* do alinhamento, ao qual os indivíduos devem estar atentos, pois ele delimita o espaço entre dois momentos interacionais distintos.

Uma vez que o material de análise que tenho em mãos é a entrevista de pesquisa e, portanto, um dado interacional, essas categorias se mostrarão fundamentais na compreensão da dinâmica dos intercâmbios de sentido entre os sujeitos. Elas viabilizarão a análise situada e permitirão entender que mecanismos linguísticos são mobilizados pelos participantes a fim de cumprirem suas agendas.

4.2) Análise da Narrativa: a narrativa breve

A Análise da Narrativa se insere nos Estudos da Linguagem que a reconhecem como um objeto de pesquisa social relevante, proveniente de práticas discursivo-interacionais. As narrativas podem emergir de contextos espontâneos, institucionais ou, ainda, em entrevistas de pesquisa, e consistem em importantes recursos para se produzir *insights* acerca da identidade, pois narradores organizam, no contar, um sentido de si.

A narrativa tem uma estreita relação com “(...) a sociabilidade, à conformação da experiência em padrões públicos de aceitação e à construção de um sentido de quem somos e do mundo que nos cerca” (BASTOS, 2015, p.101). Neste trabalho, utilizarei o conceito pós-moderno de narrativa, cunhada como *small stories* (GEORGAKOPOULOU, 2006; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008), ou “pequenas histórias”, que se opõe a grandes narrativas estudadas na tradição da pesquisa. Estas histórias podem contar sobre eventos em curso, futuros, hipotéticos ou compartilhados. Contemplam-se também momentos de alusão à narrativa, narrativas adiadas ou recusadas, ou seja, os momentos de orientação narrativa muitas vezes ignoradas por uma lente analítica preocupada apenas com a identificação de narrativas plenamente desenvolvidas. Recusas para contar uma história ou narrativas adiadas podem, por exemplo, auxiliar a compreensão daquilo que os participantes constroem como adequado para contar ou não em um determinado contexto, ou seja, as normas

sociais que regem aquela comunidade de prática (GEORGAKOPOULOU, 2006, p.127). É um material discursivo da ordem do fragmentado, que estabelece um diálogo profícuo com o instrumental teórico da Sociolinguística Interacional, uma vez que se relaciona com eventos interacionais, com a conversa cotidiana e a semiótica da situacionalidade. Dessa maneira, oferece aos estudiosos percepções valiosas para a investigação do micro, da identidade, das formas de falar ligadas à produção de vida social. A narrativa é, sob essa ótica, um modo privilegiado de comunicação para que os indivíduos façam sentido de si (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008).

A maneira como essas narrativas são constituídas nos leva a perguntar não sobre o que a narrativa fala acerca das identidades mas como é que construímos nossas identidades nos gêneros narrativos, numa variedade enorme de lugares de engajamento (GEORGAKOPOULOU, 2006).

Esta acepção é bastante perceptível nas falas aqui analisadas, já que os estudantes constroem narrativas explanatórias bastante distintas entre si de vivências marcadamente características do que se conhece tradicionalmente sobre o gênero masculino e feminino. Isso torna as declarações profundamente curiosas, uma vez que ambos os lados tratam, em tese, de uma experiência compartilhada.

4.3) Gênero, poder e agência

Deborah Cameron, em seu texto *Language, Gender, and Sexuality: current issues and new directions*, discute a noção de gênero estudada na academia e suas mudanças de paradigma através do tempo, procurando dar, ao final, alguns apontamentos para futuras pesquisas. A noção contemporânea de gênero, trabalhada pela autora, a qual irei utilizar para a análise de dados deste artigo, é o paradigma pós-moderno da diversidade. Ela propõe que se olhe para o gênero como construído localmente, baseando o seu argumento na visão de que não há um *status* ontológico sustentável em qualquer declaração que se faça sobre gênero e, portanto, qualquer naturalização a seu respeito passa por um filtro ideológico e subjetivo.

Ademais, o poder é um elemento constitutivo da diferenciação entre os gêneros, e por isso não deve jamais ser negligenciado (CAMERON, 1998). Deve-se atentar ao fato de que, nas diferenças entre o que se entende por masculino e feminino, o que está em jogo são interesses que compõem um conflito, que é um efeito interacional, e não uma dificuldade de entendimento de fundo cultural. Homens e mulheres partem de pressupostos distintos quando entram em contato e, por isso, trazem agendas diferentes

para a interação, pois possuem crenças distintas a respeito do gênero as quais afetarão suas premissas. Isso contribui para posicionar os participantes quando estão em copresença, o que é notável nas assimetrias dos dados aqui trabalhados.

Cameron (2005) menciona também o trabalho de Penelope Eckert focado em relacionar heterossexualidade, subordinação e *status* entre adolescentes americanas brancas e de classe média, numa pesquisa etnográfica sobre como elas negociam a sua entrada no que chama de “mercado heterossexual” (ECKERT, 1994). Segundo a autora, as jovens estudadas experimentam, nesse início da juventude, uma crise denominada “o imperativo do desenvolvimento”, que mina a sua autoestima e confiança, e as leva a sucumbir à subordinação. Esse processo implica em mostrar à comunidade, com expectativas de maturidade a seu respeito, que elas finalmente cresceram. Esse momento crucial, cria uma importante mudança de *status*, que tem como consequência um ajuste comportamental – o interesse em namorados, por exemplo – e novas regras de hierarquia – a submissão à presença masculina. Isso provê aos envolvidos a manutenção de uma posição legitimada de ator social.

Assim, o gênero não é simplesmente performado em determinadas comunidades, mas compõe um dado repertório de performances conhecidas e compartilhadas por um grupo, com a valorização de dados estilos discursivos específicos que se relacionam com a heterossexualidade e acabam, no espaço escolar, delimitando papéis baseados em uma espécie de divisão sexual do trabalho. Além disso, Penélope Eckert (2007) observa que mulheres em comunidades de prática mistas (compostas de homens e mulheres), são percebidas como intrusas por seus pares masculinos, o que influencia em seu comportamento linguístico e resulta em posicionamentos diferenciados na dinâmica da interação.

Finalmente, dentro dos estudos sobre agência, trago aqui alguns apontamentos que me serão úteis sobre o pensamento de Laura M. Ahearn. A autora, ao refletir sobre uma abordagem mais ampla para a categoria, de difícil definição, afirma que a agência nasce da busca por entender os impactos das ações humanas nas estruturas sociais. Para ela, agência não deve ser considerada como um sinônimo direto das noções ocidentais de resistência ou de livre-arbítrio, mas deve levar em conta aspectos culturais, contextuais e a centralidade das intencionalidades e, nesse sentido, ser capaz também de reproduzir comportamentos do *status quo*. Ela admite que a agência emerge do discurso, tanto no sentido micro quanto macro, sendo este último uma forma de poder a qual estamos todos submetidos. A capacidade humana de agir, dessa forma, é

socialmente mediada, pois o sujeito tem possibilidades de ação mas depende dos outros validarem esta mesma ação.

As categorias acima elencadas serão de fundamental importância na análise dos excertos, uma vez que os sujeitos envolvidos, ao contarem suas experiências como ocupantes, se constroem como homens e mulheres alinhados à heterossexualidade normativa ao refletirem sobre suas ações no contexto da ocupação.

5) Análise dos dados

Os excertos selecionados para esta seção são orientados pela pergunta *como os ocupantes constroem narrativas que sustentam significados sobre si e a horizontalidade?*. A fim de respondê-la selecionei um trecho da entrevista e o dividi em excertos em que se fala exatamente sobre as lideranças do movimento. Os entrevistados respondem a minhas indagações com narrativas sucintas, fragmentadas, que dão orientações a respeito da vida na ocupação, mas não constituem uma história em seu formato clássico. Porque não são narrativas plenamente desenvolvidas, fazem alusão a um evento compartilhado entre os participantes e estão extremamente conectadas com o evento interacional da entrevista, considero esses fragmentos como narrativas breves (GEORGAKOPOULOU, 2006; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008).

Os excertos abaixo estão organizados cronologicamente, embora o tempo marcado em cada um não corresponda ao momento real da conversa, pois tive problemas com o gravador e tive que religá-lo três vezes. O primeiro estabelece a definição do tópico “horizontalidade”, que coloco através de uma pergunta e negocio a sua discussão com os participantes; o segundo excerto traz entendimentos sobre um funcionamento flexível da horizontalidade no cotidiano da ocupação e uma primeira imagem de masculinidade; o terceiro excerto aborda a imagem da mãe como construção identitária do feminino, que contrasta com a imagem masculina anterior; o quarto excerto constrói o entendimento dos participantes sobre a sua agência masculina; o quinto excerto apresenta um ritual de passagem e a entrada para o mercado heterossexual; o sexto e último excerto apresenta uma disputa interacional entre duas concepções distintas de feminilidade.

De maneira gradativa, a disposição desses excertos e suas temáticas vão construindo um terreno assimétrico entre homens e mulheres, tensionando a horizontalidade.

5.1) “explica essa mãozinha”

O início do excerto abaixo corresponde a quase meia hora de conversa entre os participantes e eu. Interessada em discutir sobre a questão da horizontalidade, procuro interpelá-los sobre o assunto e buscar esclarecimentos. Obtenho dois tipos distintos de resposta, a primeira afirmativa, e a segunda traduzida em gestos, olhares e risadas, como se pode observar a seguir:

Excerto 1/Terceira gravação: explica essa mãozinha 00:18:58 – 19:31

- 1 Débora e (1) essa questão da liderança, gente? (.) é:: é uma
2 coisa assim (.) que você:s que vocês
3 Luísa desculpa (Luísa esbarra em mim acidentalmente)
4 Débora tranquilo (olhando para Luísa) (2) é-que-é-é que é
5 engraçado de pensar. porque assim é:: eu ouvi. dos já
6 ouvi assim a-a liderança não havia
7 todos não
8 Débora não havia liderança centrada numa pessoa a pessoa
9 responsável
10 >por todo mundo ali< não tinha. ceis dividiram tudo
11 Luís SIM
12 Luísa °aham°
13 Débora mas (1) vocês (.) viam assim é:: ceis viam que
14 José (olha para Luís que sorri e faz um gesto com a mão) hhhhh
15 Débora hhhh (olha para os meninos) explica explica explica
16 explica explica essa mãozinha
17 José °não é nada não° hhh

Levando em consideração que a face de um indivíduo é construída a partir de valores positivos sustentados pelos demais participantes (GOFFMAN, [1959] 2002), é possível perceber, das linhas 1 a 10, que enfrento dificuldades para perguntar sobre a questão e sugerir o tópico para discussão. Devido ao fato de, no momento da entrevista, eu já carregar muitas dúvidas a respeito da horizontalidade e dos seus pressupostos, e ter em mente o quanto este princípio é caro aos ocupantes, sinto-me desconfortável e com a face ameaçada ao tocar no assunto e ofendê-los de alguma forma.

Na linha 11, Luís e Luísa respondem afirmativamente, sem alongamentos, que a horizontalidade era uma realidade. Mesmo assim, na linha 13, insisto na pergunta e, nesta quarta tentativa, reações da parte de Luís e José estabelecem uma mudança de *footing* e um novo enquadre: o da brincadeira. Olho para eles e procuro me alinhar ao novo quadro de graça, respondendo com risadas na linha 15. Peço, num tom de brincadeira, que eles expliquem o gesto, uma pista de contextualização (GUMPERZ, [1982] 2013), da qual infiro que há algo a ser dito. Sua resposta, na linha 17, é uma negação inicial do que posteriormente eles irão me explicar.

5.2) “as pessoas tinham um pouco de medo”

No excerto que segue o enquadre de entrevista é retomado, pois as risadas cessam e a atenção retorna às perguntas e respostas. Neste momento, como se verá, os rapazes se engajam em construir uma resposta à pergunta do excerto anterior diferente do “sim” inicial:

Excerto 2/Terceira gravação: as pessoas tinham um pouco de medo
00:19:33 – 00:19:54

- 1 Débora vocês acham que (.) assim (.) é:
- 2 José não po é porque(.) querendo ou não((ruído)) acabava
- 3 sobrecarregando muito duas pessoas (2) era ele (.)e era eu
- 4 Luísa °aham. isso que eu ia falar°
- 5 Débora ham::
- 6 Luísa apesar de não ter [líderes]
- 7 José [entendeu?]
- 8 Luísa José e Luís eram [sempre resolviam ((incompreensível))]
- 9 José [era o centro de tudo]
- 10 Débora e por que que ceis acham que isso acontecia?
- 11 José (1)°por quê?°
- 12 Luís as pessoas tinham um pouco de medo né

Na primeira linha, me esforço para tentar reformular a pergunta sobre a horizontalidade, mas sou interrompida na linha 2 por José. Neste momento, seu tom de voz que, por conhecê-lo, sei que é naturalmente baixo, torna-se mais assertivo, e ele inicia uma explicação sobre o que havia sugerido com o gesto apontado no excerto 1.

José inicia com “querendo ou não” (linha 2), o que estabelece, antes de mais nada, que as circunstâncias da ocupação estavam configuradas de uma determinada forma específica, alheia à sua vontade. Essa situação, ao que parece, segundo a sua fala, levava ele e Luís a serem sobrecarregados pelas responsabilidades. Neste momento, ele constrói uma primeira narrativa breve que coloca os dois numa posição menos agentiva, alheios às demandas do contexto. Luísa se coloca como apoiadora dessa afirmativa, concordando nas linhas 4, 6, e 8. Ela constrói a frase “apesar de não ter líderes/ José e Luís eram sempre resolviam” de forma que a contradição implícita de sua declaração fosse justificável. No entanto, é interessante notar que é dentro da passividade do contexto que os dois são colocados em posições de liderança e, portanto, num lugar de agência, que só ocorre porque eles têm legitimidade no grupo dos ocupantes (AHEARN, 2001).

Na entrevista, compreendo esses fragmentos (linhas 2, 3, 6 e 8) como a descrição de algo que acontecia com frequência no cotidiano da ocupação e que

aponta para uma fragilidade na horizontalidade. Os sentidos construídos pelos três, através desses fragmentos coconstruídos, pode ser estruturado na forma de causa e consequência da seguinte maneira:

| |
|--|
| Problemas aconteciam → José e Luís resolviam |
|--|

Dessa maneira, ainda que os estudantes tivessem ciência da questão da horizontalidade e de que a presença de lideranças interferia no estabelecimento dessas relações, havia uma justificativa para a sua flexibilização: a manutenção da ordem. Essa explicação mantém discursivamente a coerência interna dos acontecimentos apresentados.

Dando prosseguimento à entrevista, pergunto, a partir de meus entendimentos da conversa, sobre o porquê desta centralização de responsabilidades acontecer (linha 10). Luís me responde, na linha 12, com o primeiro elemento discursivo que contribui para a construção de uma imagem de liderança e masculinidade que recai sobre os dois: ocorria porque os outros tinham medo. Assim, tendo em vista que “aqueles que não tinham medo” resumem-se aos dois (Luís e José), Luísa, que também é uma ocupante, é, a partir desta declaração, colocada como “outra”, afinal, ela não resolvia problemas. Isso provoca o estabelecimento de uma diferenciação entre ela e eles, que complementa o esquema anterior estabelecendo as seguintes relações lógicas:

| |
|---|
| Problemas aconteciam → José e Luís resolviam porque não tinham medo, diferente das outras pessoas. |
|---|

mas

| |
|--|
| Luísa não resolvia problemas → Luísa fazia parte do grupo das pessoas que tinham medo |
|--|

No plano da narrativa, esse processo se dá separando Luísa do grupo daqueles que têm coragem e localizando-a no grupo daqueles que temem. Nesse sentido, mesmo que Luísa compartilhe, aparentemente, uma experiência de vida com José e Luís – participar da ocupação – subentende-se neste momento que suas experiências serão distintas das deles.

Na situação de interação isso delineia uma assimetria entre os três, porque atribui aos rapazes uma qualidade tipicamente atribuída à masculinidade hegemônica, à coragem, projetando-os na luz mais favorável possível (GOFFMAN, [1959] 2002),

enquanto coloca Luísa, na interação, em oposição, destituída desta qualidade porque não participa da liderança.

Neste ponto, a questão da horizontalidade sofre não só da interferência da existência necessária e justificada de líderes, mas é tensionada por um processo de diferenciação binária entre homens e mulheres a partir de atributos conservadores, o que, portanto, não constrói participantes e suas relações de forma horizontal.

5.3) “eu era tipo a mãe”

Mais adiante, pergunto a Luísa sobre suas responsabilidades na ocupação. Sua resposta, como se pode perceber a seguir, me surpreende:

Excerto 3/Terceira Gravação: eu era tipo a mãe 00:21:04 – 00:21:18

- 1 Débora vocês eram responsáveis em lidar com a
- 2 diretora((olha para os meninos))Luísa fazia o que?
- 3 Luísa (.)°eu era tipo a mãe hhh°
- 4 Débora hhh como ca como assim?
- 5 Luísa eu era aquela que brigava porque as pessoas deixavam
- 6 copo ou então não arrumava a cama

A resposta é construída num tom de voz brando, seguida de risadas. É curioso refletir aqui sobre o que a eleição dessa categoria, a de “mãe”, significa para o momento da entrevista e para a narrativa.

Situacionalmente, a opção por se construir como mãe discursivamente, após ter sido alocada no grupo de pessoas “medrosas” reforça, à primeira vista, um lugar distante ao de seus colegas, uma vez que a “mãe” representa tradicionalmente uma das facetas do feminino, e um *locus* da ordem do cuidado. Seu comportamento linguístico – a voz fina e branda, as risadas – contribui para a construção de uma face (GOFFMAN, [1959], 2002) em consonância com uma imagem conservadora do feminino.

No plano da narrativa que, conjuntamente, estamos os quatro construindo, ser a “mãe” da ocupação sugere que Luísa teve responsabilidades que foram radicalmente diferentes das dos rapazes. Quando procuro me alinhar a ela, na linha 3, rindo também, e peço explicações sobre o que é “ser mãe” numa ocupação significava, ela me responde com uma enumeração de atividades domésticas nas linhas 5 e 6, fraseadas de maneira a sugerir uma série de eventos rotineiros, que faziam parte de seu cotidiano lá.

Em contrapartida, embora essa diferença a coloque numa posição assimétrica em relação aos rapazes, é notável que, neste excerto, Luísa não só desenvolveu turnos de maneira mais consistente, se comparados aos excertos anteriores, como não foi interrompida. Dessa forma, é possível identificar nesse excerto a construção da sua agentividade nesse espaço feminino, permitida pelas oportunidades linguísticas cedidas pelos outros participantes. É um momento delicadamente complexo, pois ela é agente, pela primeira vez, mas permanece em um lugar assimétrico em relação a Luís e José, não estabelece com eles relações horizontais.

5.4) “alguém tinha que tomar conta do portão”

Dando continuidade à discussão sobre a horizontalidade, pergunto aos estudantes sobre a rotatividade de tarefas, um atributo característico de ocupações de escola e intrinsecamente ligado à questão da horizontalidade:

Excerto 4/Terceira Gravação: a gente se revezava 00:21:25 – 00:22:08

- 1 Débora (2) ti-tinha uma rotatividade nessas nessas tarefas
assim
- 2 Luís si[m]
- 3 Luísa [°tinha°]
- 3 Luís a gente trocava sempre que podia assim “a to
4 sobrecarregado” “então a gente troca você faz a
5 segura:nça ou você: faz alguma coisa ,[a gente faz uma]
- 6 Débora [como que era] esse negócio
- 7 da segurança
- 8 Luís a volta e meia aparecia alguém na escola para tacar
9 bomba para tentar intimidar a gente tanto à noite
10 quanto[de dia]
- 12 Débora [uhum]
- 13 Luís mais à noite
- 14 Débora uhum
- 15 Luís então alguém tinha que tomar conta do portão ou das áreas
16 assim mais abertas da escola então a gente se revezava
17 acordava de noite ficava de madrugada acordado na escola
18 vendo se alguém ia acontecer alguma coisa se alguém ia

A pergunta que elaboro na linha 1 é genérica, e direciono-a aos três. Luís e Luísa me respondem praticamente juntos, mas é ele quem dá continuidade à resposta. Ele elege como exemplo concreto a tarefa da comissão da segurança e usa a palavra “coisa” para se referir a outras atividades. É interessante notar neste momento que ocorre uma modificação sutil de foco narrativo usado por Luís: ele passa a se referir a uma coletividade através da palavra “você” e da animação de vozes de terceiros.

Interrompo-o na linha 6 e peço detalhes sobre a comissão de segurança. Luís aproveita e, das linhas 8 a 10, constrói uma sequência de narrativas breves, com verbos no imperfeito e no infinitivo que, de forma semelhante às construções dos

excertos anteriores, tece um panorama da rotina corajosa de proteção da ocupação, envolvendo bombas e intimidação, e parece constituir mais um evento rotineiro do movimento. Na linha 13, ele ainda adiciona o componente de essas ações ocorrerem à noite, o que contribui para compor a periculosidade da atividade descrita.

Aqui, vale considerar, como os atributos que constroem os indivíduos capazes de se submeterem a essa tarefa foram, ao longo da interação, atribuídos a somente duas pessoas – “aqueles que não tem medo” –, a possibilidade de pensar em outros personagens além de Luís e José para exercerem esta função diminui. Devido ao fato de eu ter visto a comissão de segurança nas vezes em que estive na ocupação, eu sei que outras pessoas fizeram parte dela. No entanto, interacionalmente, os elementos elencados pelos rapazes para rememorar suas vivências, em um movimento que propõe relações horizontais entre seus participantes, reconstroem um cenário onde eles não lideram somente, mas são protetores daquele grupo, gozando de um lugar afrouxa a horizontalidade porque os diferencia e distancia do restante.

5.5) “fiquei adulta”

No excerto a seguir, que ocorre num momento mais adiante, pergunto aos estudantes sobre os impactos da ocupação em suas vidas. Quando dirijo a palavra à Luísa, ela enfatiza um aspecto que até então não havia sido mencionado, mas que complementa suas colocações anteriores:

Excerto 5/Terceira Gravação: eu tô perdida na vida; fiquei adulta
00:48:00 – 00:48:56

- 1 Débora e você, mocinha?
- 2 Luísa eu tô perdida na vida
- 3 Débora ce falou que tava perdida na vida mas que que você acha
- 4 que a ocupação trouxe pra pra sua vida?
- 5 Luísa sei lá fiquei adulta (.)°eu era muito infantil°

Luísa estabelece um contraste entre sua vida presente e a passada. Segundo Georgakopoulou (2006), alusões à narrativa também podem ser tomadas como narrativas breves. Neste momento, Luísa contrasta sua situação presente, que parece representar, segundo ela, uma situação de pouca perspectiva, com a situação passada a qual alude, a da ocupação. Para ela, ter sido ocupante foi um divisor de águas, pois identifica nessa experiência uma transformação identitária importante: ela se tornou adulta (linha 5). Essa sugestão de uma entrada para o universo da maturidade, somada às suas alegações de que teria sido “mãe” na ocupação, compõem o ritual pelo qual

Luísa afirma ter passado. Enquanto as pré-adolescentes estudadas por Penélope Eckert (1994) saem da infância para o mercado heterossexual através de adaptações comportamentais que as relaciona com interesses da adolescência de classe média, tais como maquiagens, namorar, andar em shoppings, o processo passado por Luísa parece ter se configurado na etapa seguinte a essa entrada: a maternidade.

Isso reforça o tipo de agentividade que ela parece compreender sobre si, a qual, segundo Ahearn (2001), reproduz comportamentos socialmente conformes com o *status quo*, emergindo no contexto da ocupação porque é viabilizado por ele. A complexidade dessa construção identitária, nesse aspecto, não parece desafiar a horizontalidade, mesmo que parta de um lugar social limitado ao espaço doméstico, uma vez que o que se observa aqui é Luísa em comparação a ela mesma – a infantil e a madura.

5.6) nasceu pra ser mãe

Neste último excerto, Luísa retoma a maternidade e desenvolve explicações a seu respeito entra as linhas 1 a 4:

Excerto 5/Terceira Gravação: nasceu pra ser mãe 00:49:05 – 00:49:50

- 1 Luísa é hhh e quando eu vinha pra cá eu me sentia super
- 2 responsável sabe porque eu cuidava das pessoas:as eu Gosto
- 3 de cuidar das pessoas(.)acho que eu nasci pra cuidar das
- 4 pessoas ↑
- 5 Débora hu:::m isso é um sinal
- 6 Luísa é(.)eu adoro
- 7 Débora ahum uhum
- 8 Luísa cuidar das pessoas(.)e eu quando eu vinha pra cá eu
- 9 cuidava das pessoas eu gostava disso. aí eu me sentia
- 10 adulta ↑
- 11 Débora SIM porque você era uma das porta vozes né a gente
- 12 chegava aqui você falava explicava falava pra caramba
- 13 sobre todos os problemas que a escola tinha
- 14 Luísa °é eu gostava disso°
- 15 Débora você falava
- 16 Luísa é(.)era bom(.)eu gostava de vir pra cá de manhã e
- 17 acordar os meninos e preparar o café e mandar tomar o
- 18 café e arrumar a cama ↑ eu gostava de cuidar
- 19 Luís nasceu pra ser mãe
- 20 Luísa é nasci pra ser mãe ↑ hh °eu tenho certeza disso°
- 21 Débora não é só mãe que cuida das co:isas você pode pensar
- 22 em profissões assim que têm relação com isso
- 23 Luísa °eu gosto disso°

Ela desenvolve, à semelhança dos excertos anteriores, pequenas narrativas que ilustram para mim a sua rotina de participação na ocupação, descreve como se sentia ao frequentar a ocupação e conclui, finalmente, na linha 3, essencializando o papel do cuidar quando diz “acho que eu nasci pra cuidar das pessoas”. Respondo para ela, na

linha 5, numa tentativa de alinhamento (GOFFMAN, 1979), que isso pode ser um sinal, o que ela responde afirmativamente, repetidas vezes, salientando o cuidar e justificando, nas linhas 9 e 10, que cuidar a fazia sentir-se adulta. Este trecho corrobora e complementa o excerto anterior, completando a sua construção discursiva da “mãe”, um sujeito que necessariamente cuida porque é responsável ao mesmo tempo que é responsável porque cuida. Nas linhas 11, 13, 14 e 15, procuro colocar, na minha interação com ela, uma percepção distinta de feminino, fora do universo doméstico, mas é notório, nas linhas 16, 17 e 18, que minhas investidas não são validadas, e nos posicionamos assimetricamente na interação defendendo dois tipos distintos de mulher (CAMERON, 1998). Na linha 19, Luís toma o turno e confirma o papel da maternidade, o que estabelece entre eles, naquele momento, mais uma assimetria, tendo em vista o fato de eles formarem um casal. Nas linhas 21 e 22, procuro reafirmar a minha concepção de gênero feminino e do que entendo de suas potencialidades, mas sou mais uma vez ignorada por Luísa, na linha 23.

6) Considerações Finais

Este trabalho analisou falas de estudantes secundaristas que ocuparam a sua escola estadual. Para tal, utilizou um aparato teórico da Sociolinguística Interacional a fim de olhar para os artifícios discursivos das interações gravadas em entrevista de pesquisa, e o aporte da Análise de Narrativas para observar as particularidades dos discursos gerados na pesquisa e as indicações que tais discursos dão para se entender a subjetividade e a identidade, juntamente com estudos sobre gênero, poder e agência a fim de dar atenção para os aspectos de gênero e suas articulações com a proposta do princípio da horizontalidade.

Na análise empregada na seção anterior, foi possível perceber, na dinâmica das trocas de turnos, que os rapazes se projetavam em consonância com a masculinidade normativa, construindo-se como sujeitos corajosos que não só tomavam a frente de decisões mais complexas como protegiam a ocupação nos momentos em que ela era ameaçada. Por outro lado, Luísa construiu a sua agentividade no papel doméstico da mãe e descreveu a ocupação como tendo viabilizado a sua passagem da infância para a idade adulta. Esses diferentes papéis de gênero, em conformidade com a masculinidade e feminilidade hegemônicas, desafiam a proposta de horizontalidade do movimento, uma vez que determinam relações sociais assimétricas entre os ocupantes.

A agentividade construída por Luísa, partindo de um papel que, à primeira vista, pode ser apontado como submisso porque dominante somente no espaço doméstico, sugere que a sua capacidade humana de ação engendra uma agentividade reprodutora de regras sociais. Quando Luísa delimita diferenças entre os momentos anteriores e posteriores à ocupação e coloca que este processo a levou a uma situação melhor que a anterior, a complexidade desta condição torna a avaliação sobre o tensionamento da horizontalidade algo mais difícil. Ademais, colocar-se como mãe não significa que nem ela ou eles enxergarão possibilidades diferentes para a sua existência enquanto sujeitos feminino e masculino, uma vez que a construção das identidades está em constante mudança, além de ser aberta para a coexistência de aparentes contradições, como o agenciamento num lugar social doméstico.

A grande questão é analisar como os sujeitos envolvidos operam essas noções, num contexto que propõe o novo, o horizontal, e como as pessoas irão interpretar e ressignificar os seus lugares nessas vivências. No caso da ocupação, pensar nas razões pelas quais os indivíduos não dizem abertamente que não houve horizontalidade é assumir que, em algum nível, essa proposta afetou os envolvidos a ponto de não se abrir mão dela. Resta-nos refletir sobre como abrir um diálogo mais substancial sobre as desigualdades de gênero, raça ou classe, a fim de evitar a reprodução de comportamentos assimétricos.

Referências

AHEARN, L.M. **Agency and Language**. New Jersey, 2001.

BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small Stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text & Talk**, v. 28, n. 3, p. 337-396, Walter de Gruyter, 2008.

BASTOS, L.C.(Puc-Rio/Cnpq); BIAR, L. de A. (PUC-Rio). Análises de Narrativa e práticas de entendimento da vida social. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, 2015, p. 97-126.

CAMERON, D. Language, Gender and Sexuality: Current Issues and New Directions. [s.l.], **Applied Linguistics** 2005. p. 482-502.

_____. “Is there any ketchup, Vera?”: gender, power and pragmatics. [s.l.] **Discourse & Society** v. 9. 1998. p. 437-455.

CAMPOS, A. M.; MEDEIROS, A.; RIBEIRO, M. **Escolas de Luta**, São Paulo: Editora Veneta, 2016.

CORSINO, L.N.; ZAN, D.D.P. A ocupação como processo de colonização da escola. **Dossiê (Des) ocupar é resistir? v. 19, n.1**. Campinas, Revista ETD-Educação Temática Digital, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647751>

DE FINA, A.; PERRINO, S. Introduction: Interviews vs. ‘natural’ contexts: A false dilemma, in **Language in Society**. [s.l.], Cambridge University Press, 2011. p. 1-11.

DE FINA, A. **Narratives in Interviews** – The case of accounts: for an interactional approach to narrative genres in “Narrative Inquiry”, [s.l.], John Benjamins Publishing Company, 2009.

_____. Who tells which story and why? Micro and macro contexts in narrative. [s.l.] **Text & Talk**, Walter de Gruyter, 2008.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre, Artmed, 2006.

ECKERT, P. Entering the heterosexual marketplace: identities of subordination as a developmental imperative. [s.l.] Stanford University, 1994.

_____. Putting the communities of practice in their place. [s.l.] **Equinox Publishing**, 2007. p. 27-37.

GEORGAKOPOULOU, A. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. [s.l.]. **Jonh Benjamins Publishing Company**, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face** [s.l.], Behaviour. Penguin Books, [1955].

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 10 ed. [1959] 2002.

_____. Footing. **Forms of Talk**. 1979. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/60483985/Goffman-Erving-1979-Footing-in-Forms-of-Talk-1981>

GUMPERZ, J.J., Convenções de Contextualização. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo Edições Loyola, [1982] 2013.

LODER, L.L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. **Fala e interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica**, São Paulo: Mercado de Letras, 2008. p. 127-161.

MISHLER, E., **Research Interviewing, Context and Narrative**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

ORTON, N. E., (Des)igualdade de gênero e a (i)mobilidade urbana contemporânea: uma visão goffmaniana. **Revista Rua**, São Paulo, 2018.

PAES, B. T.; PIPANO, I. Escolas de Luta: cenas da política e educação. **Dossiê (Des) ocupar é resistir? v. 19, n.1**. Campinas, Revista ETD-Educação Temática Digital, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647799>

RATTO, D.G.; GRESPAN, C.L.; HADLER, O.H. Ocupa 1º de maio: ciberdemocracia, cuidado de si e sociabilidade na escola. **Dossiê (Des) ocupar é resistir? v. 19, n.1**. Campinas, Revista ETD-Educação Temática Digital, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647733>

Anexo

Convenções de Transcrição de Jefferson (cf. Lord, 2008)

| | |
|------------|---|
| [| Início de sobreposição de fala |
|] | Final de sobreposição de fala |
| ↑ | Som mais agudo dos que os do entorno |
| ↓ | Som mais grave do que os do entorno |
| (1.2) | Medida de silêncio em segundos e décimos de segundo |
| °palavras° | Som em volume mais baixo dos que os do entorno |
| (.) | Silêncio de menos de dois décimos de segundo |
| >palavras< | Fala acelerada |
| = | Elocuções contíguas |
| . | Entonação descendente |
| _ | Sublinhado ênfase em som |
| MAIÚSCULA | Som em volume mais alto do que os do entorno |
| ? | Entonação ascendente |
| , | Entonação intermediária |
| <palavras> | Fala desacelerada |
| (()) | Descrição de atividade não vocal |
| : | Prolongamento do som |
| (palavras) | Transcrição duvidosa |
| - | Corte abrupto na produção vocal |
| () | Segmento de fala que não pôde ser transcrito |

“I WAS THE MOTHER”:

NARRATIVES OF GENDER AND HORIZONTALITY

Abstract

Focusing on the context of the occupations of Brazilian schools in Niteroi in 2016, this article analyzes how the narratives of the occupying students constructed their identities and challenged the notion of the horizontality of this social movement, drawing on interactional sociolinguistics, narrative inquiry, and discourse analysis of gender and power. The data point to the construction of female empowerment in the mother's place, and a heroic narrative of male protagonism.

Keywords

Student. Gender. Power. Occupation, Youth.